

Novos partidos nascem na Constituinte

Villas-Bôas Corrêa

A arrumação antecipada do plenário da Constituinte na clara divisão em dois blocos, acima dos partidos e das insuperáveis divergências da bancada majoritária do PMDB, para as próximas rodadas decisivas de discussão e votação do anteprojeto de Constituição, delinea o novo quadro partidário, em cadência acelerada para uma bipolarização inédita para a futura disputa do poder.

Pela primeira vez, o que está à vista sugere que a presidência da República, seja na improvável manutenção do presidencialismo ou na inauguração de uma experiência parlamentarista, em regime recortado em modelo original, não será decidida entre candidaturas oriundas da mesma vertente conservadora, apenas apartadas pela artificial linha demarcatória entre governo e oposição.

Prévia — A Constituinte começa a exibir o perfil do futuro na definição do presente. Não mais a ampla mancha conservadora separada entre legendas centristas agasalhadas no colo do governo ou ao sereno da oposição. Quer dizer: não mais PSD contra UDN; Arena versus MDB ou o PDS a desmanchar-se no Colégio Eleitoral diante da disparada de um PMDB amparado por esmagadora e consensual pressão popular. Mas moderados de todas as siglas contra progressistas, renovadores, socialistas, esquerdistas, na identificação ideológica que junta na mesma massa senadores e deputados eleitos pelas legendas mais diversas e até contraditórias. Cada vez fica mais difícil distinguir o pemedebista do pedelista, do petista, do pedetista, até dos sobreviventes do desmontado PDS. Todos se unem e se separam em função de tomadas diferentes de posição.

Recomposta a maioria conservadora, ainda dispõe de sobras que abafam os sustos provocados pelo ruído ensurdecedor da minoria esquerdista. As estatísticas restauram as cores da realidade e acalmam corações aos pinotes. Só que a maioria não mais pode se dar ao luxo de repetir o truque esperto de ocupar os dois lados para brigar entre si, garantindo o poder, no rodízio que vem desde o Império, atravessa a Velha República, mantém-se com os disfarces populistas na ditadura do Estado Novo e remoça, com as fortes tintas da novidade dos partidos nacionais durante a vitalizante experiência democrática de 45 a 64. O ciclo revolucionário precisando guardar certas aparências, mexeu nos partidos com o desmembramento do descompromisso e aos impulsos dos seus casuismos. Respeitou, até na rigidez ortodoxa, a fórmula de dois partidos centristas, um apoiando o governo, outro tolerado em atividade oposicionista sob

controle e distante do poder. A esquerda foi simplesmente riscada do mapa. Quem logrou escapar, abrigou-se à sombra do então desengonçado guarda-chuva do MDB.

Depois do monumental malogro do cruzado, o velho modelo tradicional começou a revelar as suas deficiências. O país mudara, a sociedade cada vez mais urbana repudiava uma divisão artificial. O consenso de um instante mágico de passionalizada mobilização popular, desembocou nas urnas de 86 para conferir ao PMDB, com ele identificado, uma vitória maior do que a legenda e que deformou, até o aleijão, o quadro partidário. Antes, na virada do Colégio Eleitoral, a mesma vaga consensual varrerá o PDS, deixando o cisco de uma legenda anêmica.

Para o PMDB chegar até onde alcançou, necessitou descaracterizar-se nos excessos de tolerância. O partido foi ficando cada vez mais frente e menos um partido para manter uma unidade de fachada e estufar o peito na hora de

catória apagando o antigo risco de giz que separava governo da oposição no mesmíssimo saco centrista para, agora, em fosso que se cava sempre mais fundo, impor o reparte ideológico.

Essa é, cada vez mais clara, transparente e definitiva, a divisão da Constituinte. É assim que a irá discutir, votar e decidir todos os muitos pontos controversos da futura Constituição, depois de transposto o estreito espaço de um entendimento sobre os capítulos anódinos e que permitam um abençoado e simplificador arranjo consensual.

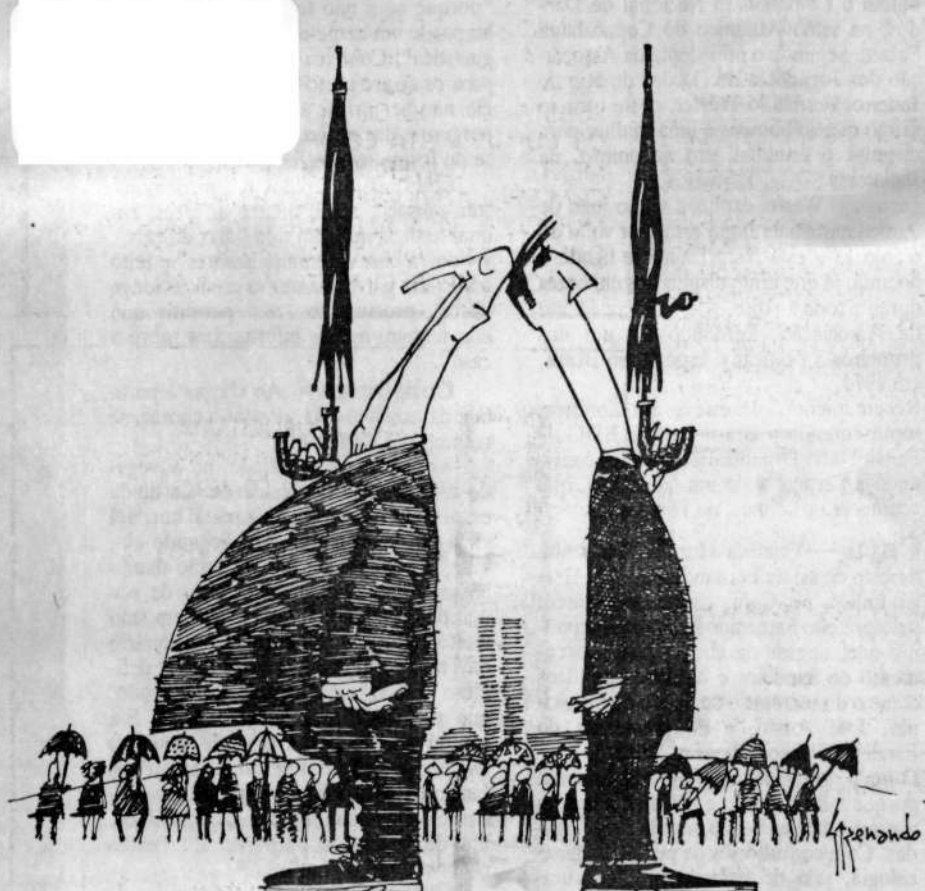
Na prévia da disputa do poder na próxima sucessão presidencial, acendendo as luzes da advertência e aconselhando aos conservadores, acolchoados em maioria folgada, a que redobrem a cautela e adotem as suas providências.

Precauções — A lista de precauções possíveis não oferta muitas alternativas mas sugere algumas medidas eficazes.

De saída, a maioria centrista da Constituinte deverá decidir entre o parlamentarismo e o presidencialismo. Claro que não se trata de uma opção ideológica. Mas, a esta altura, com o esboço da futura luta eleitoral, o parlamentarismo pode representar uma excelente saída tática. Qualquer que seja o parlamentarismo resultante de uma composição circunstancial, diluirá o poder, esvaziando a presidência da República e transferindo para o Congresso o efetivo comando do país. Ora, no Congresso a esquerda é minoria, menos de um terço. E uma presidência sem os seus atuais enfeites e adornos, perderia muito o seu encanto.

Há mais. Manter a eleição presidencial em dois turnos tal como está na Constituição que se vai substituir e como foi proposta na emenda aprovada de iniciativa do presidente José Sarney, pode constituir-se num excelente antidoto contra o risco de uma surpresa, com a vitória do azarão, atropelando na reta

de uma campanha dividida pela pulverização partidária e a inflação de candidatos. A eleição presidencial, portanto nacional e direta, pode ser decidida pelo rádio e a televisão. Até no instante de um debate, na resposta feliz de um candidato, na escorregadela do favorito. Para calafetar as frestas da surpresa, a eleição em dois turnos serve de massa confiável. Afinal, se nenhum candidato alcançar maioria absoluta de votos no primeiro turno — o que é a hipótese mais provável com tantos partidos e tantas ambições — o desempate apenas entre os dois mais votados, no segundo turno, confrontará face a face, em mano a mano de morte, o lado de lá e o de cá. E quem for maioria, leva. Sem discussão, ali no preto e no branco.



exigir o seu lote no rateio do governo do presidente José Sarney.

Para as espertezas do cotidiano, a artimanha do PMDB funcionou. Não resistiu porém ao teste da verdade. As fraturas dissimuladas ficaram expostas no inverno de adversidade do governo, depois que se descobriu que o ex-mágico Dilson Funaro era um ilusionista de circo e a popularidade do presidente Sarney despenhou de piques recordistas para a fundura de índices negativos. O PMDB das ruas, das pretensões ideológicas foi se afastando do governo, deslizando para a oposição.

Na verdade, apenas acertava o passo para acompanhar o ritmo acelerado de uma nova arrumação partidária. Na simplicidade de dois lados: o de lá e o de cá; conservadores de uma banda, progressistas à esquerda; a linha demar-

Os riscos da eleição em 90

Há, ainda, uma terceira válvula de segurança em desleixado esquecimento que pode ter grandes reflexos na eleição presidencial. Na áspera discussão sobre a duração do mandato do presidente José Sarney, os defensores de seis, cinco ou quatro anos não parecem atentos à coincidência das eleições e às suas consequências. O mandato de seis anos imporia a simultaneidade da eleição presidencial com a renovação do Congresso e dos governos estaduais; quatro anos de mandato, a eleição, em 88, do futuro presidente juntamente com prefeitos e vereadores. Cinco anos para Sarney representa o risco da eleição presidencial solitária, isolada e única em 90.

Argumenta-se que a eleição presidencial é polarizadora, passa como um trator sobre legendas, esmagando partidos. Em parte, procede. É evidente, todavia, que a malha partidária agüenta o candidato, sustenta candidaturas, especialmente, no interior. Essa é a lição de todas as estatísticas.

Por enquanto, com a Constituinte nas suas preliminares, as forças antagonistas apenas tomam posição, ocupam lugares para os embates decisivos. E que se aproximam, na previsão para o começo de setembro, invadindo outubro, novembro, para o fecho em dezembro. Então, com a radicalização do novo quadro político, moderados e conservadores utilizarão todos os truques e armas para ganhar o presente e atapeitar o amanhã. Será a hora do parlamentarismo, dos dois turnos, da avaliação do mandato presidencial de melhor conveniência política para a maioria. O debate baixará das alturas da teoria para a objetividade nua e crua da realidade.

Idéias
Quem está por dentro das coisas, tem idéias.
DIRETOR: VALDIR DE SOUZA
JORNAL DO BRASIL